



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ALINE DE MELO OLIVEIRA

**SABERES DA TRADIÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE MORADORES DA COMUNIDADE
RURAL DE PAULO CANAPUM, APODI – RN**

MOSSORÓ - RN

2023

ALINE DE MELO OLIVEIRA

**SABERES DA TRADIÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE MORADORES DA COMUNIDADE
RURAL DE PAULO CANAPUM, APODI – RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ – RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

0048s Oliveira, Aline de Melo.
Saberes da tradição: experiências de moradores
da comunidade rural de Paulo canapum, Apodi-RN /
Aline de Melo Oliveira. - 2023.
46 f. : il.

Orientador: Emerson Augusto de Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2023.

1. Saberes da tradição. 2. Cultura. 3.
Experiência . 4. Práticas sociais. I. Medeiros,
Emerson Augusto de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ALINE DE MELO OLIVEIRA

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 06 / 10 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Presidente

Prof.^a Dr.^a Ady Canário de Souza Estevão (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Esp. Areillen Ronney Rocha Reges (UNIP)
Membro Examinador

A minha querida Mãe, que sempre esteve presente, contribuindo em todos os aspectos para o desenvolvimento da conclusão deste trabalho monográfico. Minha mãe sempre foi meu porto seguro. Esta conquista é, exclusivamente, para ela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me proporcionar este momento tão lindo e importante em minha vida. Fácil nunca foi, mas com Deus ao meu lado, sempre estive disposta a enfrentar qualquer dificuldade encontrada pelo caminho. Grata a Deus por tudo.

Agradeço à mulher mais importante da minha vida, minha mãe, Maria Sueli de Melo, que nunca mediu esforços para me ajudar e me incentivar a buscar meus sonhos. Minha mãe sempre foi meu ponto de apoio para a concretização desta conquista, sem ela eu jamais teria conseguido chegar até aqui. Sou eternamente grata a minha mãe por todo o apoio, por todos os esforços que fez por mim. Lembro de tudo, de todas as dificuldades que enfrentamos juntas. Andamos a pé, de bicicleta, no sol quente, debaixo de chuva, dentre tantas outras dificuldades que encontramos pelo caminho. Minha mãe sempre será minha guerreira e o maior orgulho da minha vida. Esta conquista é exclusivamente para minha mãe. Minha rainha, obrigada por tudo que fez e faz por mim.

Agradeço, de forma especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, por todo o zelo e dedicação ao meu trabalho, por todos os ensinamentos que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo. Muito obrigada por toda disponibilidade em todos os momentos da construção da pesquisa. Desde o início das nossas orientações, o senhor me mostrou que o TCC poderia ser construído da melhor forma possível, com leveza e crescimento. Ele foi construído por etapas. Tenho muito orgulho por ter vivido cada etapa realizada junto ao meu orientador que sempre esteve ao meu lado me dando todo o apoio que eu precisava. Grata ao meu orientador pela paciência. Sem você ao meu lado, não teria conseguido.

Agradeço a Paulo Tavares, por ter me ajudado em todos os momentos da minha graduação, inclusive foi ele quem fez minha inscrição no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Se hoje estou concluindo minha graduação, foi com a ajuda dele. Quando eu não tinha computador, ele disponibilizava o seu computador para que eu pudesse realizar meus trabalhos. Gratidão por tudo.

Quero agradecer a minha colega de curso, Kadidja Angélica, por todo apoio nos momentos em que eu mais encontrava dificuldades. Ela sempre esteve disposta a me ajudar, minha amiga que sempre estava ao meu lado independentemente de qual seriam os momentos. Eu sou muito grata a Deus por encontrar no meu caminho pessoas como você.

Agradeço ao meu esposo, Afrânio Nunes, por estar sempre apto a me incentivar a buscar meus objetivos, a lutar por minhas metas e por me entender e me fortalecer nos momentos em que eu achava que não seria capaz de seguir em frente. Ele me mostrou que eu seria capaz de ir em busca dos meus sonhos e que eu venceria esta batalha e que finalizaria minha graduação. Muito obrigada a você, por tudo.

Agradeço à Professora Ady Canário pela participação na banca e também por fazer parte de minha graduação. Muito obrigada!

Agradeço ao Professor Areillen Reges por ler meu trabalho e contribuir a ele.

Agradeço, por último, aos meus colegas do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo: Maria José, Pollyana Mirtis, Ana Cleide, Isadora Mendonça, Plínio Tavares, Erinaldo Machado, que estiveram sempre comigo em todos os momentos. Minha gratidão a cada um de vocês.

Não há saber mais ou saber menos:
há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tematizou os saberes da tradição a partir de experiências dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. A pesquisa teve como problema investigativo, a seguinte questão: Como os saberes da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi -RN, contribuem para o desenvolvimento local deste espaço? Tratando-se do objetivo geral, pontua-se pensar acerca de como os sabres da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, contribuem para o seu desenvolvimento local. Nesse lastro, destacam-se como objetivos específicos: a) evidenciar saberes da tradição a partir das experiências de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN; e b) descrever experiências de trabalho de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, que mostram sua contribuição para o desenvolvimento local. O estudo fez uso da abordagem qualitativa de pesquisa e se apoiou na pesquisa de campo como método investigativo, ancorando-se também em entrevistas semiestruturadas com duas moradoras da referida comunidade, as quais vivenciaram parte significativa de suas vidas neste espaço territorial. Por meio das entrevistas semiestruturadas, construíram-se narrativas dos moradores que atestam parte do vivido. O estudo se ancorou, principalmente, em Almeida (2010), Morin (2008), Laraia (2009), Geertz (1989) e Bondía (2002). Como conclusão, frisa-se que os saberes da tradição estão evidenciados no próprio lugar, na história da comunidade, nas práticas sociais diárias que os moradores realizam dentro e fora de casa, com seus familiares e em suas plantações e criações de pequenos animais. Assim, estão vivos na comunidade e contribuem ao seu desenvolvimento local porque se fazem no dia a dia em práticas sociais promovidas no referido espaço.

Palavras-chave: Saberes da Tradição. Cultura. Experiência. Práticas Sociais.

ABSTRACT

This study focused on traditional knowledge based on the experiences of residents of the Rural Community of Paulo Canapum, Apodi – RN. The research had as its investigative problem the following question: How does the traditional knowledge of residents of the Rural Community of Paulo Canapum, Apodi -RN, contribute to the local development of this space? In the case of the general objective, it is important to think about how the knowledge of the tradition of residents of the Rural Community of Paulo Canapum, Apodi – RN, contributes to its local development. In this context, the following stand out as specific objectives: a) to highlight traditional knowledge based on the experiences of residents of the Rural Community of Paulo Canapum, Apodi – RN; and b) describe work experiences of residents of the Rural Community of Paulo Canapum, Apodi – RN, which show their contribution to local development. The study used a qualitative research approach and was based on field research as an investigative method, also anchored in semi-structured interviews with two residents of the aforementioned community, who lived a significant part of their lives in this territorial space. Through semi-structured interviews, residents' narratives were constructed that attest to part of what they experienced. The study was mainly based on Almeida (2010), Morin (2008), Laraia (2009), Geertz (1989) and Bondía (2002). In conclusion, it is emphasized that traditional knowledge is evident in the place itself, in the history of the community, in the daily social practices that residents carry out inside and outside the home, with their families and in their plantations and small animal husbandry. Thus, they are alive in the community and contribute to its local development because they take part in social practices promoted in that space on a daily basis.

Keywords: Tradition Knowledge. Culture. Experience. Social Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Estrada de acesso à Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN	29
Figura 2	– Acesso à Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN.....	29
Figura 3	– Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN.....	30
Figura 4	– Simplicidade na Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN.....	32
Figura 5	– Plantas Medicinais na Comunidade.....	37
Figura 6	– Horta Orgânica.....	38
Figura 7	– Criação de galinhas.....	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Sistematização das Entrevistas Semiestruturadas.....	24
-----------------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
RN	Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	SABERES DA TRADIÇÃO – ENTRE A EXPERIÊNCIA E A CULTURA.....	16
2.1	Saberes da Tradição	16
2.2	Experiência	18
2.3	Cultura.....	20
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	22
3.1	Abordagem Qualitativa.....	22
3.2	Pesquisa de Campo.....	23
3.3	Entrevista Semiestruturada.....	24
3.4	As Agricultoras Narradoras – Sujeitos da Pesquisa.....	26
4	COMUNIDADE RURAL DE PAULO CANAPUM, APODI – RN.....	28
4.1	Características Gerais.....	28
4.2	Dificuldades enfrentadas pelos moradores historicamente na comunidade.....	33
5	MESTRAS DO TEMPO: NARRATIVAS ORAIS E UM ARCABOUÇO DE SABERES.....	34
5.1	Rememorar o tempo, narrar saberes.....	34
5.2	Fazeres diários na lida no campo e em casa.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O presente escrito monográfico tematizou os saberes da tradição a partir de experiências dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. Por meio do conjunto de experiências produzidas ao longo de suas trajetórias de vida, aludimos as principais vivências também de agricultores da referida comunidade. Essas experiências comportam diferentes saberes sobre o plantar e o colher, sobre o cuidar de aves, sobre o sentir a vida com a natureza. Por meio do estudo, registramos ainda o histórico da comunidade, onde está inserida, o ano de fundação, o numero de moradores, as principais mudanças que aconteceram no decorrer dos anos na localidade, bem como as conquistas que esses agricultores produziram e as dificuldades enfrentadas ali, no seu dia a dia.

Ao decidirmos estudar os saberes da tradição é importante salientar que é um tema muito abrangente que envolve diversos aspectos que tendem a se reportar sobre vivências de moradores, trabalhadores da terra e pequenos agricultores, junto de experiências desenvolvidas no dia a dia. Há um coletivo de saberes que eles produziram como tradição que é passada de geração para geração (Morin, 2008; Almeida, 2010).

Dessa forma, esta pesquisa teve como problema investigativo, a seguinte questão: Como os saberes da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi -RN, contribuem para o desenvolvimento local deste espaço?

Tratando-se do objetivo geral, demarcamos pensar acerca de como os sabres da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, contribuem para o seu desenvolvimento local. É importante salientar o grande merecimento da realização de trabalhos acadêmicos como este tema para a comunidade, uma vez que, ao realizarmos uma breve busca no *google acadêmico*, não encontramos estudos que se reportem a este contexto territorial. Entendemos que dar voz aos moradores e aos seus saberes, poderemos somar para alicerçar na história oficial as práticas culturais que eles desenvolvem para sua sobrevivência no espaço. Nesse lastro, destacamos como objetivos específicos:

- Evidenciar saberes da tradição a partir das experiências de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN;
- Descrever experiências de trabalho de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, que mostram sua contribuição para o desenvolvimento local.

Em termos metodológicos, o estudo fez uso da abordagem qualitativa de pesquisa e se apoiou na pesquisa de campo como método investigativo, ancorando-se também em entrevistas

semiestruturadas com duas moradoras da referida comunidade, as quais vivenciaram parte significativa de suas vidas neste espaço territorial. Por meio das entrevistas semiestruturadas, construímos narrativas dos moradores que atestam parte do vivido.

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Rural de Paulo Canapum, localizada no município de Apodi, Rio Grande do Norte, Brasil. Esclarecemos que o referido município se destaca neste Estado em virtude de ter uma população rural muito expressiva e também produzir, de maneira significativa, diferentes produtos alimentícios que se circunscrevem no trabalho de homens e mulheres do campo. O município ainda é destaque pelo número de cooperativas, associações e assentamentos rurais no Rio Grande do Norte. Tudo isso, amplia o setor produtivo e de subsistência rural. Essa produção, na nossa perspectiva, está alicerçada em práticas culturais passadas de geração para geração, muitas vezes. Nesse sentido, os saberes da tradição ocupam um lugar de centralidade naquilo que o referido município desenvolve no campo.

Pontificamos que, do ponto de vista pessoal, a autora deste texto vivenciou parte de sua vida no campo. Ela agrega memórias afetivas construídas na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, dentre elas, notificamos as brincadeiras realizadas na infância na residência de seus avós. Além do mais, o forte vínculo com o campo e a comunidade rural em diálogo se presenciaram como um desejo de registrar nesta monografia diferentes saberes compartilhados ao longo de sua trajetória de vida com familiares também residentes no espaço rural.

Nesse interim, o campo embalou sua identidade. Por meio dos vínculos afetivos e culturais com familiares, os saberes da tradição perpassaram por sua vida, se tornaram uma espécie de característica identitária, sendo um elemento de sua cultura e de tantos outros sujeitos do campo, nos termos de Laraia (2009). Entendemos que estudar os saberes da tradição é mergulhar na cultura. Ou seja, é mergulhar no conjunto de crenças, de valores, de códigos sociais e linguísticos, de costumes e de práticas sociais que permitem demarcar a especificidade dos moradores que vivem na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN (Geertz, 1989).

Por se tratar de um estudo monográfico, delimitamos nosso olhar para parte dos saberes da tradição. De todo modo, vivemos em algumas etapas, a partir de visitas à comunidade, do diálogo informal com os moradores, da observação não sistematizada no espaço, esses saberes, os quais pensamos fundamentais no sentido de preservar uma cultura, uma história e uma memória que estão vivas e que autenticam pessoas e um povo.

Traçada esta introdução, demarcamos que a presente monografia se encontra organizada em mais quatro seções, além das considerações finais. Na primeira seção, Saberes da Tradição – entre a experiência e a cultura, dialogamos, teoricamente, sobre conceitos centrais ao estudo, a saber: saber da tradição, experiência e cultura.

Na segunda seção, metodologia da pesquisa, aludimos acerca da dimensão metodológica desta monografia. Nela, também definimos o passo a passo da pesquisa, a abordagem investigativa, o tipo de estudo e a técnica de produção de dados. Além de enfatizarmos as participantes do estudo.

A terceira seção, alude brevemente as principais características da comunidade rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, além dos desafios vividos ao longo do tempo pelos moradores que habitam o referido espaço.

A quarta seção, mestras do tempo – narrativas orais e um arcabouço de saberes, pontuou os principais saberes dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. É um momento em que apresentamos as principais narrativas construídas na pesquisa sobre os saberes da tradição.

Nas considerações finais, retomamos o problema de pesquisa que nos acompanhou, sintetizando nossa impressão sobre o objeto de pesquisa ora dialogado. Deixamos o convite para que leiam este estudo e dialoguem com os saberes da tradição.

2 SABERES DA TRADIÇÃO – ENTRE A EXPERIÊNCIA E A CULTURA

Esta seção dialoga com os principais conceitos que se articulam ao presente objeto de pesquisa. Nesse lastro, a organizamos em três subseções que se detiveram aos saberes da tradição e aos conceitos de experiência e cultura.

2.1 Saberes da tradição

Iniciamos esta subseção definindo o que são os saberes da tradição. Para Almeida (2010), esses saberes são um conjunto de conhecimentos que os sujeitos desenvolveram ao longo de suas vidas na interação com a natureza e com o meio ambiente dos quais são partes. Eles são adquiridos por meio das experiências, de crenças, das aprendizagens, de modo que alguns sujeitos ainda exercitam os saberes da tradição que são passados de geral para geração. Ou seja, eles se tornam partes da cultura de um povo, uma espécie de marca identitária de um local que pertence a pequenos grupos sociais (ou até mesmo a uma única pessoa). Dessa forma, os saberes da tradição têm uma grande importância.

Almeida (2010), dialogando sobre os saberes da tradição, diz que eles ajudam no desenvolvimento de uma pessoa ou mesmo de um grupo social, pois permitem que, muitas vezes, a vida dos sujeitos faça uso desses saberes. Para a autora, os saberes da tradição se derivam também do próprio termo que o embala. Na sua óptica,

A tradição ousa confrontar o saber de nossa época com os saberes tradicionais, considerados pré-científicos. A tradição não deve ser rejeitada como superstição, nem exaltada como conhecimento primordial. Quando, entretanto, se reflete sobre o humano, a origem não deve ser compreendida como um conhecimento, balbuciante, simples, grosseiro (Almeida, 2010, p. 15).

Segundo informamos anteriormente, os saberes da tradição são obtidos nas vivências com o meio social e natural, de modo que todos os dias os sujeitos vão os ampliando, pois nada é aprendido ou vivenciado da mesma forma. Os saberes da tradição se manifestam na consciência do sujeito, bem como em seu comportamento e em diferentes estados de domínio da realidade vivenciada. Eles também dizem respeito aos valores de um povo. O passo inicial para a construção desses saberes é a produção de um conhecimento sobre algo da realidade, apresentado por meio de como apreendemos e compreendemos as coisas ao nosso redor.

De acordo com Almeida (2010, p. 5),

Certamente essa forma de compreensão da condição humana, da cultura e do processo cognitivo está obstaculizada em domínios de conhecimentos que reiteram a oposição entre sociedades modernas e primitivas, entre a ciência e a tradição, entre o imaginário e o real.

Quando nos reportamos aos saberes da tradição, podemos trazer contextos de nossas memórias, vivências do passado, experiências que se relacionam ao viver. Os saberes da tradição se aproximam ainda da sabedoria porque permite conhecer realmente como é a vida e como acontecem as demais transformações no nosso dia a dia. Há diferentes saberes da tradição. Eles, por se constituírem no âmbito da cultura, são diferentes de um espaço territorial para outro, até mesmo se validarmos distâncias bem pequenas.

No nosso imenso Brasil que tem como marca central a diversidade étnico-racial, os saberes da tradição são imensuráveis. Na Região Nordeste, como exemplo, vemos que eles estão em costumes, na lida do pequeno agricultor que aprendeu observando a natureza sobre o momento mais propício para plantar o milho, o feijão, o jerimum, a melancia, entre outros, e colher.

O saber da tradição está na curandeira que reconhece enfermidades ou patologias em uma criança e para solucioná-las utiliza de ervas, rezas, benzimentos, orações e alimentos específicos. Esses saberes foram passados de mãe/pai para filhos, são a própria tradição secularizada na memória que se torna ativa no tempo (Almeida, 2010).

Há saberes da tradição de que materializam em grupos coletivos maiores. Outro exemplo, condiz com as tradições religiosas da igreja católica, de forma que os sujeitos seguem determinadas tradições de seus pais ou avós e exercitam essa tradição no convívio em coletivo, por isso também são valores. Muitos religiosos católicos adotam determinadas datas que simbolizam o dia de um santo como referência para a chuva no sertão. Se no referido dia houver chuva, o inverno no ano seguinte ou no período vigente será intenso e a fartura de alimentos estará garantida.

Nas palavras de Almeida (2010, p. 67),

[...] os saberes da tradição constituem uma ‘ciência’, mas uma ciência que, mesmo operando por meio das universais aptidões para conhecer, expressa contextos, narrativas [...]. Daí a importância de complementaridade entre os saberes científicos e saberes da tradição e de emergência de um intelectual que articule a dupla face do conhecimento da tradição.

Em Almeida (2010), vimos que os saberes da tradição também se constituem como uma ciência, qual seja: a ciência do senso comum. Essa ciência não é a que está balizada por pesquisas rigorosamente sistematizadas ou produzidas em laboratórios. Trata-se de uma ciência do cotidiano. Os saberes da tradição nascem na observação e no olhar para a realidade, no

aprender a fazer pelo experimental manual, é o fazer que se sistematiza/progride de uma experiência para outra.

Esclarecemos que com os saberes de tradição não se busca a negação da ciência tal como ela tem se produzido. Entendemos que seu papel foi fundamental na evolução da humanidade. De acordo com Almeida (2010, p. 35),

A ciência é um tipo particular de saber. Pauta-se por métodos, regras, critérios e formas de organização de informações que lhes são próprias e evoluem, no interior da comunidade científica e no decorrer de sua história a partir de determinadas áreas do conhecimento científico.

Os saberes da tradição não são um saber científico, na acepção que aprendemos na academia. É um saber da experiência, ancorado na materialidade e imaterialidade da vida. No entanto, não pode ser visto como inferior, haja vista que, a partir dele, muitas comunidades humanas também evoluíram.

2.2 Experiência

A experiência é um termo que se relaciona com o conhecimento ou aprendizado obtidos por meio da prática ou de uma determinada vivência que está relacionada à nossa vida, ao nosso trabalho, à nossa interação com o mundo (Charlot, 2014). A experiência condiz ao vivido em um determinado caminho percorrido. Ela comporta lembranças, boas ou ruins, fáceis ou difíceis, porém, que, de alguma forma, contribuíram ao nosso desenvolvimento.

Segundo Bondía (2002, p. 21), a experiência,

[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Neste texto, seguindo o pensamento de Bondía (2002), a experiência é o que possamos chamar de “repertório vivido”, que marcou e traz determinados tipos de lembranças que foram significativas ao nosso desenvolvimento enquanto seres humanos. Sabemos que não podemos captar as experiências, elas são produzidas no decorrer da vida. A cada dia obtemos novas experiências, pois todos os dias vivenciamos algo novo, sabemos que nenhuma experiência pode ser vivenciada duas vezes da mesma forma, a cada vivência nos deparamos com algum elemento diferente no nosso contexto de vida.

Acrescentemos que a experiência também é um modo de aprendizado que vai sendo

aprimorado com o passar dos tempos, todo conhecimento adquirido através da utilização de sentidos que envolvem uma vivência e uma prática. Podemos ainda dizer que a experiência é algo que ilumina o caminho de quem a construiu, pois serve de referência para novas ações, para o nosso desenvolvimento.

Nas palavras de Bondía (2002, p. 22),

[...] a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo.

A experiência é de suma importância para ser estudada, de modo que ela tem um papel fundamental, tanto no ramo do mercado de trabalho, como em nossa vida pessoal. Por exemplo, em um determinado local de trabalho quando disponibilizamos um currículo para concorrer a uma vaga de emprego, o primeiro questionamento ao entregar o currículo é termos experiência. Vale dizer que não podemos confundir experiência, associada ao conhecimento, com informação.

De acordo com Bondía (2002), temos produzido pouca experiência, sendo ela substituída pela informação. Em razão da celeridade que a sociedade tem dado à vida e aos processos de interação humana, as pessoas não permitem que suas vivências as atravessem, no sentido formativo. O acúmulo de vivência produz informação, mas não a experiência.

Alertamos que no campo acadêmico, há outros conceitos de experiência. Aqui, nos reportamos à experiência como o que nos atravessa e contribui para nossa evolução terrena. Em nosso estudo, entendemos que há diferentes experiências que perpassam a vida dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. Há as experiências com o inverno, as experiências passadas de geração para geração, as experiências do plantio, do criar pequenos animais para alimentação e subsistência familiar, as experiências com as plantas medicinais, entre outras.

Essas experiências, citadas anteriormente, estão relacionadas com a vivência dos pequenos agricultores, do homem e da mulher do campo, experiências que consistem na observação e convivência com a natureza, principalmente. Quase todo pequeno agricultor tem uma experiência que aprendeu com seus pais ou com seus avós, passando de geração para geração, a qual é concebida como uma tradição no campo. Isso se perpetua também como cultura.

Dessa forma, desenvolvemos ao longo de nossas vidas várias vivências. Assim, temos

diferentes experiências. O homem e a mulher do campo têm uma experiência, já o engenheiro agrônomo tem outras. Em outras profissões, como a profissão professor, existirão outras experiências que sempre contribuem, de alguma forma, no crescimento humano e no desenvolvimento da sociedade.

2.3 Cultura

Laraia (2009), no livro *Cultura – um conceito antropológico*, sinalizou sobre a dificuldade de se construir o conceito de cultura. Em determinadas sociedades, a cultura pode ser interpretada como os valores, os costumes, os modos de vida de uma população, dependente de questões genéticas e sociais de sua população. Em outra perspectiva, a cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas sociais, de signos linguísticos, entre outros, que demarcam a especificidade de um povo.

A cultura pode, porém, ser todos esses aspectos, a depender da perspectiva teórica que a conceitue. Neste estudo, ancorados em Laraia (2009), complementamos que a entendemos como “todo um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem [sujeito] como membro de uma sociedade” (Laraia, 2009, p. 14).

Assim, a cultura se produz no seio da interação humana por meio de grupos sociais, quer numa dimensão macro, a nível de nação (como o Brasil), quer na dimensão micro, em um pequeno grupo de camponeses, por exemplo. Em uma cultura, determinadas práticas se fazem continuamente, tornando-se aceitas ou naturalizadas pelo grupo.

Quando um sujeito desenvolve algo que foge do padrão cultural, ou seja, algo que não é comumente visto/praticado pelos demais membros de um grupo, ele pode se sentir hostilizado ou mesmo se sentir indiferente aos demais. Um exemplo disso, é quando vemos alguns alunos saírem do campo para estudarem na cidade. Eles sentem desmotivados a continuar porque se sentem alheios, algumas vezes, com a nova realidade que não acolhe sua especificidade de ser (Arroyo, 1999; Medeiros; Menezes, 2020).

É importante destacar que na cultura o sujeito se produz e produz a humanidade. Seu comportamento, sua forma de interpretar a realidade, a vida e a si mesmo estão condicionados pela cultura. Ela forma, limita e ao mesmo tempo possibilita o desenvolvimento de cada ser humano.

Não podemos falar, de maneira alguma, em uma única cultura. No Brasil, por exemplo, que há uma cultura nacional composta por alguns elementos que caracterizam em larga escala

a população brasileira. Um desses elementos é a nossa língua materna – o Português. No entanto, cada Região, Estado, Município, Distrito, vilarejo, entre outros, possui estilos e modos de ser diferentes, em termos do que suas populações fazem (Laplantine, 2003).

Os saberes da tradição são também elementos de uma cultura, os quais podem variar de um contexto para outro. Isso é visível em uma esfera territorial muito pequena. Às vezes, em um mesmo município, em comunidades rurais temos práticas culturais muito distintas. Os saberes que os moradores produziram historicamente se alimentam do que os sujeitos daquele espaço desenvolveram localmente. A cultura é parte de um lugar ou se torna o próprio lugar por meio do que as pessoas fazem e são (Laplantine, 2003; Laraia, 2009). Ela se transforma ao passo do que as pessoas e as relações sociais se transformam.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa se constitui como parte do trabalho acadêmico. Dessa forma, contribui com inúmeros conhecimentos. Ela permite a investigação de determinados fenômenos sociais. Neste estudo, pesquisamos os saberes da tradição.

Nesta seção, apresentamos as etapas para a construção da pesquisa a qual foi realizada na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. A seção se detém, principalmente, ao conjunto de elementos que compõe a metodologia do estudo, dentre eles, citamos: a abordagem de pesquisa, o tipo de estudo, a técnica de produção de dados e os sujeitos pesquisados.

3.1 Abordagem Qualitativa

A abordagem qualitativa está relacionada a um estudo que analisa o objeto de pesquisa, considerando a dimensão contextual em que os sujeitos ou fenômeno pesquisado pertencem (Chizzotti, 2006).

De acordo com Medeiros, Varela e Nunes (2017, p. 176 - 177),

O caminho trilhado na abordagem qualitativa parte do particular para o geral, pois é uma indução. Com esse tipo de abordagem, não se almeja testar hipóteses, afinal elas são elaboradas no decorrer da investigação. As técnicas de coleta de dados, da mesma maneira como as hipóteses e conceitos, podem ser redefinidas durante o percurso em que se desenvolve o estudo.

Na visão dos autores, a abordagem qualitativa está relacionada a forma como produzimos e analisamos os dados em um estudo. O pesquisador interpreta seu objeto de pesquisa sem demarcar uma hipótese inicial, uma vez que a intenção principal no estudo qualitativo é compreender a realidade investigada. Para isso, o pesquisador prossegue construindo sentidos e significados ao longo do processo de investigação. O contato com o ambiente social em que os sujeitos vivem é fundamental. Os mesmos autores complementam:

Na abordagem qualitativa existe uma relação entre o sujeito e o objeto, o sujeito faz parte do processo, pois interpreta os dados atribuindo significados. O pesquisador qualitativo se implica no estudo tendo como objetivo medular compreender o fenômeno [...] (Medeiros; Varela; Nunes, 2017, p. 178).

Ao realizarmos um estudo qualitativo não visamos a quantidade no sentido de produzir os dados e analisá-los. Conforme vimos, o que importa é a compreensão que o pesquisador consegue apreender sobre o fenômeno investigado.

Medeiros, Varela e Nunes (2017, p. 177), dizem:

Podemos caracterizar a abordagem qualitativa como flexível, mas não significando ausência de rigor metodológico. Isso demonstra a complexidade existente, ao se pesquisar o social, haja vista que é preciso saber se adaptar ao contexto e daí extrair análises pertinentes. Por esse motivo, sua fundamentação tem suporte na interpretação (hermenêutica) que busca compreender os significados do que os seres humanos vivem, sentem etc.

Nesta pesquisa, tivemos sensibilidade ao adentrarmos na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. Exercitamos o respeito em cada momento da pesquisa, desde os momentos com conversas informais com alguns moradores, ao diálogo com os participantes do estudo. Nossa intenção foi apreender a realidade, não visando mensurá-la, mas entendê-la a partir de nossas condições de pesquisadora.

3.2 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo é um tipo de investigação em que se pretende buscar informações que serão produzidas a partir do contato direto com os sujeitos pesquisados. Nesse interim, o pesquisador precisa ir a campo, pesquisar, buscar as informações que precisam ser produzidas, algumas vezes, observadas. O contato com o contexto em que se realiza a pesquisa é primordial.

Dessa forma, a ida a campo é uma das etapas do trabalho acadêmico mais importante, o pesquisador pode vivenciar de perto a realidade dos sujeitos que são partícipes da investigação, assim, torna-se um momento muito desafiador, quer no sentido do acesso ao campo da pesquisa, quer no momento da produção dos dados da investigação. É um processo sistemático, exigindo o esforço do investigador. Piana (2009, p. 15), notifica:

Na pesquisa de campo, o pesquisador procura dados de forma direta com os sujeitos pesquisados, ou seja, o pesquisador vai ao local realizar a pesquisa no ambiente social. Ele necessita adentrar em campo, conhecer o espaço em que o estudo se realiza e produzir as informações que necessita.

A nossa visita à Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, foi orientada por um roteiro de produção de dados, sendo conduzido por meio da entrevista semiestruturada. Não somente as entrevistas nos serviram de suporte para compreender nosso objeto de pesquisa. Observamos informalmente e de modo atento à realidade dos moradores. Caminhamos pela comunidade, conversamos com outros residentes que não participaram da pesquisa diretamente. Tudo isso, faz parte da pesquisa de campo. Nela, o pesquisador se coloca em uma condição de olhar e escutar sensivelmente o contexto em que se investiga. Esse caminho foi realizado por nós.

3.3 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada está relacionada a uma etapa de uma determinada pesquisa. Para ser realizada, necessita de um roteiro prévio, de modo que no momento de realização da pesquisa, é aberto um espaço para os diálogos com as perguntas que estavam presentes no documento. Segundo Gil (2008), a entrevista semiestruturada é a técnica de produção de dados mais utilizada na pesquisa em ciências humanas e sociais, pelo teor dialógico e dinâmico que ela permite. Minayo (2010, p. 262), acrescenta:

A entrevista [semiestruturada] é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Essa pode ser definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e por meio de perguntas formuladas busca a obtenção dos dados que lhe interessa. É uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista estes objetivos.

No contexto de nossa pesquisa, a entrevista semiestruturada foi organizada a partir de dois eixos principais, considerando os dois objetivos específicos da pesquisa. Cada eixo se fez como um momento direcionado aos saberes da tradição dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi- RN. O primeiro eixo se refere a história da comunidade e aos saberes dos moradores, o segundo eixo condiz com as práticas de trabalho da comunidade associadas também aos saberes da tradição. Na sequência, apresentamos o roteiro que nos conduziu na produção dos dados.

Quadro 1 – Sistematização das Entrevistas Semiestruturadas

Roteiro das Entrevistas Semiestruturadas	
Objetivo geral: Pensar acerca de como os saberes da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, contribuem para o seu desenvolvimento local.	
Objetivo Específico (a): - Evidenciar saberes da tradição a partir das experiências de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN.	Objetivo Específico (b): Descrever experiências de trabalho de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, que mostram sua contribuição para o desenvolvimento local.
1) Qual o ano de fundação da comunidade? 2) Como foi fundada a comunidade?	1) Em que você já trabalhou? 2) Como era esse trabalho antes e como é agora?

3) Quais são os costumes mais vistos na infância, em termos de ensinamentos repassados pelos pais, avós e familiares? 4) O que permaneceu desses costumes? 5) O que aprendeu, em termos de trabalho na comunidade, que foi passado de geração para geração?	3) O que você aprendeu com as pessoas mais velhas sobre seu trabalho? Quais os principais ensinamentos? 4) Quais os principais tipos de trabalho que existiram na comunidade? Eles ainda existem? Alguma coisa mudou? 5) O que não mudou neste trabalho, mesmo com o passar dos anos?
---	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No início de cada entrevista foi esclarecido qual seria o objetivo para a realização deste estudo, explicando o tema do trabalho de conclusão de curso. Cada entrevista foi realizada individualmente em suas casas. Os sujeitos da pesquisa foram abertos, atenciosos e ficaram felizes em somar ao momento. Também nos autorizaram formalmente para a realização das entrevistas, via termo de consentimento livre esclarecido.

Ao iniciar a entrevista, cada questão foi lida minuciosamente para facilitar o entendimento das questões. Assim, tivemos zelo e cuidado mediante as narrativas das participantes. Quando as participantes não entenderam as perguntas, retomamos e fizemos novamente a leitura, explicando com detalhes o que ela objetivava. Houve um excelente diálogo e interação. Entendemos que cada instante se fez como uma conversa conduzida a partir dos objetivos do estudo.

As entrevistas foram gravadas e logo após a finalização foram realizadas as transcrições. Registramos o tempo de duração de cada uma, sendo assim, a entrevista com a primeira narradora durou 30 minutos e a entrevista com a segunda narradora durou 35 minutos. Lembramos que além desses momentos, tivemos outros diálogos com as moradoras que participaram da pesquisa. Em cada momento, elas narraram suas histórias de vida, as dificuldades que já enfrentaram. Sempre deixamos as participantes do estudo bem à vontade para trazerem quaisquer aspectos que desejassem citar. Assim, as moradoras dialogaram muito e se sentiram acolhidas durante toda a entrevista e ficaram muito felizes por estar fazendo parte do estudo.

Logo após a transcrição das entrevistas, iniciamos outra etapa do estudo que é a análise dos dados. Essa etapa será dialogada em seção seguinte. Demarcamos, de toda forma, que não vemos os registros (narrativas) das participantes do estudo como dados para análise, mas como informações que nos conduziram a compreender o objeto de pesquisa.

3.4 As Agricultoras Narradoras¹ – sujeitos da pesquisa

Para a realização da pesquisa, foram convidadas a participar duas agricultoras residentes na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. Dessa forma, citamos alguns aspectos das participantes. Demarcamos que a escolha das participantes seguiu dois critérios, quais sejam: residir na comunidade desde o início de sua fundação ou viver há mais de 10 anos no espaço, além da disponibilidade para participar da pesquisa.

Em relação às participantes, não citaremos seus nomes, por questões de ética na pesquisa com seres humanos bem como para não identificar a identidade das agricultoras. Dessa forma, seguindo o que ficou acordado com elas, nominaremos de Agricultora “A” e Agricultora “B”. Notificamos que não selecionamos as agricultoras considerando as questões de gênero e sexo. As duas mulheres emergiram na pesquisa de modo espontâneo. Somando-se aos dois critérios demarcados na pesquisa, aludimos que validamos também o contato que a pesquisadora do estudo teve com as duas participantes. Conhecemos as moradoras há muito tempo na comunidade, uma vez que elas residem próximo dos avós da pesquisadora.

A Agricultora “A” nasceu no ano de 1963, no sítio Lajes, município de Apodi - RN, no ano de 2002 foi morar na Comunidade Paulo Canapum, local em que reside até o momento. Ela sempre trabalhou no campo com sua mãe, pois perdeu seu pai quando tinha apenas dois anos de idade, a partir de então teve que trabalhar na agricultura com sua mãe para ajudar a criar seus irmãos mais novos.

A Agricultora “B” nasceu no ano de 1927, no município de Limoeiro do Norte - Ceará, logo depois se mudou para a Comunidade de Pau dos Ferros, sendo a atual Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, na qual sempre trabalhou com seus pais na agricultura.

Para a construção deste estudo, conforme declaramos em momento anterior, elaboramos um roteiro para as entrevistas semiestruturadas o qual foi composto por 10 questões abertas. Por meio de cada momento, pudemos construir um diálogo entre a pesquisadora juntamente com as entrevistadas, de modo que buscamos contemplar o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo.

As entrevistas foram realizadas no dia 26 de setembro de 2022. Antes do procedimento, realizamos o agendamento com as duas agricultoras, sendo definido o dia e horário para a realização das entrevistas. Assim, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas no mesmo dia. A primeira, foi realizada com a Agricultora “A” às 10h04min em sua residência. A segunda,

¹ A partir de agora, principalmente, aos nos referirmos aos sujeitos da pesquisa, consideramos o gênero e o sexo das pesquisadas do estudo.

foi realizada às 14h19min também na residência da agricultora. Na próxima seção, debateremos um pouco acerca da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. A seção foi construída considerando as narrativas das participantes da pesquisa, bem como o diálogo informal com moradores da referida localidade.

4 COMUNIDADE RURAL DE PAULO CANAPUM, APODI – RN

Conforme registra Minayo (2010), no trabalho de campo o pesquisador pode aproveitar das condições que a realidade oferece para aprofundar sua compreensão sobre o objeto de pesquisa. Neste estudo, ao visitarmos a comunidade, em setembro de 2022, aproveitamos nosso momento no espaço para construirmos diálogos informais com os moradores na intenção de entendermos melhor a formação sócio-histórica da comunidade. Passamos mais de um dia dialogando com alguns moradores. Anotamos os registros em um caderno com esse objetivo. As informações produzidas nos alimentaram para a construção desta seção.

A presente seção textualiza, brevemente, as principais características da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, na perspectiva de seus moradores. Os registros que produzimos se fizeram como complementares às entrevistas realizadas com as duas agricultoras. Por meio deles, temos uma leitura breve, mas demarcada para as principais características que se associam ao espaço, contemplando também algumas dificuldades presentes historicamente neste entorno espacial.

4.1 Características gerais

A Comunidade Rural de Paulo Canapum fica localizada no Município de Apodi, Rio Grande do Norte, Brasil, cerca de 38 km da cidade. Foi fundada no ano de 2000, hoje na comunidade moram cerca de 30 famílias, um local bem organizado pelos moradores da referida comunidade, de modo que os agricultores tentam ajudar os outros quando precisam. Os agricultores vivem da agricultura de subsistência e também de suas aposentadorias, pelas quais recebem um salário mínimo que, muitas vezes, não dá para arcar com todas as despesas de suas famílias. Dessa forma, trabalham na agricultura, plantam seus legumes, milho, feijão, sorgo e batata doce. Quando fazem a colheita, as famílias usam desses alimentos e o excedente vendem para poder ganhar alguma renda extra.

Sabemos que para viver na zona rural é um processo desafiador, no qual enfrentamos muitas barreiras. Essas barreiras aparecem com frequência no dia a dia dos agricultores, eles não querem deixar sua comunidade para buscar uma vida na cidade, pois segundos os agricultores, eles nasceram e cresceram neste local e estão habituados e felizes com sua vivência. Em seu dia a dia, cuidam de seus animais, cuidam de seu pedaço de terra para fazer seus plantios e tiram, conforme registramos, parte de seu próprio sustento daquele local, com alimentos saudáveis que não usam agrotóxicos, os quais prejudicam a saúde de suas famílias com o passar do tempo. Em conversas informais no momento de realização do estudo, eles

afirmaram que esses alimentos são agroecológicos “muitos saldáveis e ricos em vitaminas que trazem benefícios à saúde” de suas famílias.

A Comunidade de Paulo Canapum é um local muito tranquilo, longe da violência, segundo os moradores. Quem mora na comunidade sabe o quanto é prazeroso residir no local. Os moradores ressaltaram que a comunidade é muito produtiva na época do inverno (período chuvoso). Eles ficam felizes com o plantio de suas lavouras. É um momento do ano em que todos trabalham em busca de melhorias para a convivência na comunidade.

Em relação ao nome da referida comunidade, ele se deu por meio de uma homenagem ao dono das terras em que hoje é a Comunidade Rural de Paulo Canapum. Dessa forma, fizeram essa homenagem a ele. Vale dizer que a comunidade se refere a um projeto de assentamento que teve sua afirmação por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). No entanto, os moradores, popularmente, preferem utilizar a terminologia Comunidade de Paulo Canapum. Desse modo, respeitamos a indicação dos moradores.

Anteriormente a se tornar um assentamento, a comunidade era conhecida como Sítio Pau dos Ferros e depois que o INCRA comprou as devidas terras deram o nome de Comunidade de Paulo Canapum. Em registros seguintes, apresentamos o acesso ao referido espaço.

Figura 1: Estrada de acesso à Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN	Figura 2: Acesso à Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN
	
Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.	Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Sinalizamos que o Sítio Pau dos Ferros ainda existe do lado da comunidade, mais

especificamente em um pedaço de terras habitado por duas famílias com moradores, de modo que eles, também pequenos agricultores, não tiveram interesse em deixar as suas terras e se vincular à comunidade. Assim, continuaram no chamado Sítio Pau dos Ferros.

Esse nome, Pau dos Ferros, se deu em virtude de que vinham muitos vaqueiros do Estado do Ceará para o Sítio Pau dos Ferros para “ferrar” seus rebanhos e todas as vezes se reuniam debaixo de um pé de árvore. Nesse momento, eles pegavam os ferros de seus animais que estavam quentes e ferravam o pé de árvore deixando o seu sinal naquela árvore. Era um registro de que eles passaram por ali. Daí então, se deu o nome de Sítio Pau dos Ferros, esclareceu um dos moradores.

Hoje, depois da construção da Comunidade Rural de Paulo Canapum, o espaço ainda é conhecido por muitos com o nome de Pau dos Ferros, devido ser um nome dado a esse sítio há muitos anos atrás. Depois da construção do assentamento, foi pensado um novo nome, mas para alguns dos moradores a comunidade ainda é chamada/conhecida como Pau dos Ferros. Assim, a comunidade é identificada socialmente por esses dois nomes citados anteriormente. Outra vez, apresentamos registros do referido espaço.

Figura 3: Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN





Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

De acordo com alguns agricultores que residem no local, eles lutaram muito até conseguir construir suas casas e ter seus lotes de terras para criar seus animais para fazer suas plantações e manter o sustento da família. Eles trabalham arduamente na comunidade, realizam atividades rurícolas diárias, de modo que os pais trabalham juntamente com seus filhos na comunidade para manterem as despesas de suas famílias. Eles relataram que quando aparece algum serviço relacionado ao campo em comunidades vizinhas, os agricultores vão trabalhar nessas outras comunidades, aproveitando tudo que é possível para ampliar sua fonte de renda mensal.

A Comunidade Rural de Paulo Canapum é uma comunidade muito conhecida no Município de Apodi – RN, como sendo um espaço de coletividade entre os agricultores que fazem parte do local. Entendemos que a coletividade é um marco fundamental para lutar por melhorias (Gohn, 2011). A partir da coletividade dos moradores, algumas conquistas vão sendo vivenciadas. Tudo isso faz parte da luta dos moradores.

Alguns anos atrás, a comunidade e os agricultores presenciaram mudanças que foram de suma importância e beneficiaram a todos que fazem parte do local, por exemplo, o acesso à comunidade. Antes, era apenas em um caminho por dentro do mato, não se tinha estrada aberta para chegar até a comunidade, de modo que os agricultores se deslocavam por dentro do mato até chegar ao local de acesso para conseguir um taxi para se deslocarem até a cidade de Apodi – RN para fazerem suas compras para levar para suas famílias. Quando era no período de inverno, o acesso ficava ainda mais difícil.

Os agricultores se locomoviam a pé, pois não tinham transportes para se locomoverem,

quando vinham da cidade com feiras na cabeça, muitas vezes, chovia até chegarem em casa. Era um processo muito desafiador a todos que conviviam naquele local, eram muitos desafios a serem enfrentados.

Atualmente, podemos observar mudanças positivas na comunidade, por exemplo, nos relatou um morador que foi feita uma estrada para os agricultores, estrada esta que ainda não é totalmente boa, mas melhorou sua condição de acesso a outros espaços, pois eles não precisam se deslocar por dentro do mato para ir até a pista asfaltada para chegarem até a cidade. Hoje, alguns agricultores têm seus transportes para fazer suas viagens, para fazer suas compras. Entendemos que isso é gratificante.

Pelo que visualizamos, a tradição é viva na comunidade, mas é também acompanhada pelo avanço das tecnologias e pelas mudanças sociais. O homem e a mulher simples do campo, nos termos de Martins (2000), perpassa o cotidiano dos moradores, associada à modernidade que se assolou no campo nas últimas décadas. Na sequência, registramos um pouco da simplicidade que habita o local.

Figura 4: Simplicidade na Comunidade de Paulo Canapum, Apodi – RN



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A energia elétrica, o acesso água e novas ferramentas estão presentes para qualificar a vida dos agricultores e agricultoras da comunidade, porém, permanecem também pequenas práticas culturais e laborais que fortificaram historicamente o viver no campo, um exemplo

destacado na figura anterior é a criação de caprinos, característica evidente na vida dos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN.

4.2 Dificuldades enfrentadas pelos moradores historicamente na comunidade

A partir deste tópico dissertamos sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, dificuldades que os impediram de ter acesso a uma escola e ainda dificultaram que eles pudessem se alfabetizar. Segundo relatos que construímos com os agricultores da referida comunidade no momento de realização da pesquisa, uma das dificuldades que encontraram para sua escolarização diz respeito à necessidade de ajudar seus pais nas lavouras. Dessa forma, alguns dos moradores que dialogamos chegaram a ir para a escola uma semana e devido a necessidade de ajudar seus pais na agricultura, tiveram que deixar a escola. Eles relataram que tinham muito interesse de ir estudar para poder aprender, mas devido a esse motivo ficaram impedidos de serem alfabetizados.

Vale registrar que na época que eles eram para ter iniciado seus estudos, tudo era muito difícil. Enfrentavam também outras dificuldades. Naquele período não existia transporte escolar, as escolas eram poucas e as que ofertavam alguma possibilidade se resumiam a instituições apenas de Ensino Fundamental, nos relataram os agricultores.

Hoje, temos a internet e o avanço das tecnologias, as quais se tornam um meio para acesso ao conhecimento, a qualquer momento. Outra dificuldade que identificamos nas conversas informais que construímos corresponde à ausência de políticas públicas destinadas à qualidade de vida e social na comunidade. Apesar da vida no campo dar condições de produzir o alimento, por meio da agricultura e da pecuária de subsistência, nem todos tinham seu pedaço de terra. A fome se fez como um desafio aos moradores em determinados momentos justamente pela ausência do Estado no sentido de promover políticas que amparassem o trabalhador e a trabalhadora rural.

Por último, registraram os agricultores o “olhar negativo” que se criou sobre o campo e suas populações. Um dos agricultores registrou que a falta de atenção do Estado se fez como um incentivo para deixar seu espaço de vida. No entanto, permaneceu porque entendeu que era no campo onde tinha construída sua história e, em parte, sua identidade. Assim, a partir dos registros construídos informalmente na comunidade, vemos que a perspectiva negativa que a sociedade criou, a qual já foi amplamente registrada na literatura acadêmica (Arroyo, 1999; Medeiros; Fortunato; Araújo, 2022) para com as populações do campo também se fez presente.

5 MESTRAS DO TEMPO: NARRATIVAS ORAIS E UM ARCABOUÇO DE SABERES

Neste tópico, apresentamos narrativas de experiências vivenciadas no dia a dia por agricultores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, sobre seus saberes da tradição. Nesse sentido, organizamos a seção em duas subseções considerando dois eixos para diálogos com as participantes do estudo no momento da entrevista. O primeiro eixo articula os saberes da tradição com a história da comunidade (primeira subseção) e o segundo eixo os relaciona com as práticas de trabalho que possibilitam o desenvolvimento local de seus habitantes. Cada eixo visou contemplar um objetivo específico do estudo. Em cada eixo dialogamos com cinco questões centrais, as quais foram complementadas a partir dos desdobramentos dos diálogos, seguindo a perspectiva dinâmica que a pesquisa qualitativa permite (Medeiros; Varela; Nunes, 2017).

5.1 Rememorar o tempo, narrar saberes

Este primeiro momento de análise se desloca para a história da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, e sua articulação com os saberes da tradição. O conjunto de cinco questões que dialogamos com as duas participantes do estudo, visou atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa, qual seja: evidenciar saberes da tradição a partir das experiências de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. Assim, dialogamos com as duas agricultoras, mestras do tempo, sobre como a comunidade foi fundada e em que ano. Elas narraram:

A comunidade foi criada em 2000. Antes, ela já existia. Era o sítio Pau dos Ferros. Os moradores daqui, eles separavam os animais e ferravam naquele determinado local, aí terminavam de ferrar seus rebanhos, contam, né, eles deixavam a marca do seu ferro ali, naquela árvore. Aí, ficou conhecida como Pau dos Ferros. O dono dessas terras Paulo Canapum, faleceu, e daí então venderam essas terras para o INCRA para ser desenvolvido o assentamento. Então a gente começou a se organizar para ter a terra e plantar. Depois ganhou seu terreno e estamos até hoje² (Agricultora “A”, 2022).

A comunidade foi criada, não estou enganada. Disso, tenho plena convicção. Ela foi fundada no ano 2000. Foi fundada através das lutas dos agricultores daqui. Antes, pertencia ao morador, dono das terras, conhecido por Paulo Canapum. A comunidade tinha por nome Pau dos Ferros devido à vinda de vaqueiros lá do Ceará para ferrar seus animais aqui, debaixo de uma árvore. [...] eu tenho por mim que nós daqui lutamos porque conseguimos nossa casinha, cada um do seu jeito. Mas a gente tem o pedaço de terra para plantar, para criar (Agricultora “B”, 2022).

² Destacamos que realizamos uma pequena revisão linguística quando transcrevemos as narrativas orais das agricultoras, visando atender, neste texto, à norma culta.

As duas agricultoras frisaram o ano de fundação da comunidade e como seu deu o processo de mudança do sítio Pau dos Ferros para a Comunidade Rural (Projeto de Assentamento) Paulo Canapum. Elas narraram sobre um saber necessário ao trabalhador rural: a luta por sua sobrevivência no local de pertença. Segundo elas, para conseguirem seus pedaços de terra, os moradores locais tiveram que lutar, buscar o reconhecimento e posse da terra. Elas narraram, conforme Martins (2000), sobre uma sociabilidade do homem e da mulher do campo que são forçados a buscarem condições de viverem no local de moradia. Seus sonhos, valores, cultura e desejos impulsionam para lutarem por melhores condições de vida.

Esses registros também são sinônimos de outras pesquisas já desenvolvidas no curso da LEDOC/UFERSA. Citamos o estudo de Oliveira (2022) que detalhou o processo de constituição da Comunidade Rural de Alagoinha, Mossoró – RN. Neste estudo e na pesquisa de Oliveira (2022), identificamos que os trabalhadores e trabalhadoras do campo são instigados pelas necessidades que emergem em suas vidas a se articularem, a se organizarem em prol de seus objetivos, tanto individuais como coletivos. Essa articulação possibilita a produção de diferentes saberes, muitos deles passados de geração para geração, como o respeito ao próximo, a convivência com a pluralidade de opiniões e a não desistência de seus objetivos de vida.

No momento, indagamos sobre quais costumes, vividos na infância, em termos de ensinamentos repassados pelos pais, avós e familiares, marcaram suas vidas. Vejamos seus registros orais:

Meu pai morreu quando eu tinha dois anos de idade. Fiquei sob os ensinamentos de minha mãe. Ela nos ensinou que é preciso sempre respeitar as pessoas idosas, também não trabalhar nos dias santos. Eu sei que no dia 19 de março, dia de São José, se chover neste dia o inverno promete ser bom e se não chover neste dia o inverno não será de boas chuvas. Ah, isso eu sei porque é assim, não erra [...]. Então o que a gente aprendeu desses ensinamentos é o respeito aos mais velhos, a olhar para as coisas da natureza, seus sinais [...] (Agricultora “A”, 2022).

Aprendi muita coisa com meus avós, meus pais. Aprendi a cozinhar, a cuidar da casa, das plantas, dos bichos. Essas coisas! Na minha época, a gente tinha que se virar com o que tinha. Se fosse uma roupa, tinha que lavar no rio, na água corrente, água parada não prestava. O ferro era na brasa. Não tenha energia, essas invenções de hoje (Agricultora “B”, 2022).

Nas narrativas, vimos que os saberes da tradição são produzidos em inter-relação com a cultura, em práticas culturais que são construídas no dia a dia das pessoas no campo, em condições de sociabilidade com outras pessoas e, principalmente, com a natureza. Eles são, de acordo com Almeida (2010), praticados a partir das demandas existenciais das populações (tradicionais, do campo, da floresta, do mar, entre outras). As duas agricultoras narraram saberes que foram ensinados, especialmente, no seio familiar. A Agricultora “A” frisou saberes

articulados ao inverno, demarcando a natureza como a orientadora deste saber. Já a Agricultora “B” enfatizou saberes relativos aos cuidados do lar, como lavar a roupa na água corrente e passá-la no ferro à brasa.

As duas narrativas também se associam ao saber da experiência que se tonifica com o tempo, de uma vivência para outra. É um saber que se produz porque o ser humano é um ser relacional (Bondía, 2002; Tardif, 2011). Em contato com o mundo, torna existência sua vida. Das duas narrativas, encontramos uma cultura campesina ainda viva, cultura que atenta à convivência harmoniosa e respeitosa com o campo, tendo dois elos principais: a natureza e os vínculos familiares e fraternos. Em momentos das entrevistas, as duas agricultoras citavam seus pais como fonte de respeito e de ensinamento de seus saberes.

Em seguida, perguntamos acerca da permanência de seus costumes. Nesse lastro, as duas entrevistadas foram enfáticas sobre os ensinamentos relacionados à agricultura e aos modos de plantar.

O costume principal que vejo, assim, que ainda faz aqui, né, é plantar. Saber quantos caroços de milhos nas covas. São cinco ou seis. Isso é um costume ensinado a nós. A gente também espera o inverno pegar. Se der uma chuva e parar, nem adianta plantar. Vai morrer se chegar a nascer. Tem que esperar a terra molhar. Aí cava, um palmo e meio, se não tiver molhado, nem adianta. Então assim, é um costume que aprendeu [...], o tempo e permanece (Agricultora “A”, 2022).

Aqui, planta batata [batata doce], feijão, milho, jerimum, melancia. Assim, a gente aprendeu isso como um costume passado de um tempo para outro. Quem ensinou? Nossos antigos. Essas coisas são costumes. [...] Como planta a batata? Tem que plantar a rama. Enterra a rama. A melhor época é de agosto a janeiro. O chão tem que estar molhado e depois ele vai secando, por isso a gente planta no açude, nas cabeceiras dos rios (Agricultora “B”, 2022).

As agricultoras exemplificaram costumes que portam saberes da tradição. Esses saberes foram constituídos e se presenciam como elementos da cultura local. O plantar para a subsistência envolve, na perspectiva das duas moradoras, modos de fazer com a agricultura, os quais não foram aprendidos em locais sociais externos à sua cultura. Eles são cultura porque são marcas do lugar, tornaram-se costumes locais, práticas sociais, nas palavras de Geertz (1989).

Quando olhamos para a Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, também vimos outros tipos de plantação, a exemplo de ervas medicinais que subsidiam pequenas patologias que acometem os moradores. Ao dialogarmos acerca das plantas medicinais, as moradoras também pontificaram que aprenderam a fazer lambedores, chás e até alimentos, como doces, que ajudam à saúde da população. Na figura seguinte há registros de algumas dessas plantas que fizemos no momento de visita à comunidade.

Figura 5: Plantas Medicinais na Comunidade

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A quinta e última questão deste primeiro momento, se reportou ao trabalho na comunidade, que foi passado de geração para geração, ou seja, que faz parte da memória histórica do lugar. Elas relataram:

É o que falei. As coisas da agricultura, de casa, que a gente tem e que, assim, permanece. São esses costumes (Agricultora “A”, 2022).

Tem também os valores, as coisas que a gente fazia e ainda faz (Agricultora “B”, 2022).

As narrativas das duas agricultoras não pormenorizam às práticas de trabalho que são memória da comunidade e ainda persistem. No entanto, segundo Halbwachs (1990), o próprio espaço mostra essa memória. Ao visitarmos a comunidade, identificamos a memória viva na criação de galinhas, na plantação da horta orgânica no quintal, na criação de caprinos e ovinos, no plantio da batata doce, no plantio da banana, entre outros. A simplicidade no espaço, denotada algumas vezes em práticas de trabalho na comunidade, eterniza a história. Para ilustrar nosso registro, apresentamos a figura 6 que se refere ao plantio em uma horta orgânica.

Figura 6: Horta Orgânica

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Para finalizar, salientamos que os saberes da tradição estão evidenciados no próprio lugar, na história desse lugar, nas práticas sociais diárias que os moradores realizam dentro e fora de casa, com seus familiares e em suas plantações e criações de pequenos animais. São costumes, crenças, valores e práticas sociais locais que se tornaram cultura e são marcas desse povo.

5.2 Fazeres diários na lida no campo e em casa

Nesta subseção, apresentamos a segunda parte da entrevista com mais cinco questões relacionadas ao trabalho na comunidade. Dessa forma, a primeira pergunta se direcionou às práticas laborais que as moradoras realizaram ao longo de suas vidas. As mestras do tempo narraram:

Já trabalhei e trabalho até hoje na roça [agricultura], cuidando de animais como até hoje crio bodes, ovelhas, gado, galinha (Agricultora “A”, 2022).

Fiz um pouco de tudo. Lavando roupa durante o dia e de noite, costurando para sustentar os filhos, já trabalhei muito para sustentar os meus filhos. Hoje, já não trabalho mais no serviço pesado devido minha idade avançada (Agricultora “B”, 2022).

As duas agricultoras ressaltaram que ao longo de suas vidas duas práticas laborais fizeram partes de seus dias: o trabalho na agricultura, plantando e criando animais, e no lar. As duas atividades exigiram delas a produção de saberes que somente a experiência, ancorada em uma escuta e olhar sensível à realidade, fundamentou o seu exercício profissional. Conforme Bondía (2002, p. 24),

A experiência, possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Pensamos que o exercício contínuo, por muito tempo, que as agricultoras realizaram nas suas vidas, vivendo experiências permitiu que elas construíssem seus saberes. Nos momentos, vimos serenidade, tenacidade e segurança nas suas falas. Isso ocorreu porque elas, segundo Bondía (2002), viveram suas experiências, permitiram que essas experiências as atravessassem.

Em seguida, continuamos com a segunda questão, que se reportou ao trabalho antes e depois na comunidade. Outra vez, demarcamos seus depoimentos:

Nossos serviços, nossos trabalhos, sempre foi tudo manual, sempre trabalhamos no pesado, com fome devido as coisas naquela época ser muito difícil, e como já aconteceu muitas mudanças nos serviços na agricultura, hoje em dia tem tratores para plantar, limpar, colher. Antigamente era só no manual mesmo. Essas máquinas facilitaram a vida no campo (Agricultora “A”, 2022).

Devido a minha idade, não trabalho mais em serviços tão pesados como na agricultura, mais já trabalhei muito para sustentar meus filhos, mas hoje em dia se tem muita facilidade, tudo hoje é mais fácil. Antes só se trabalhava na força do braço e hoje já tem muitas facilidades que ajudam muito e que também tira a oportunidade de um agricultor trabalhar para manter o sustento da família, porque se tiver um agricultor e uma máquina o proprietário prefere a máquina porque vai dar mais lucro (Agricultora “B”, 2022).

Em relação às mudanças nas práticas laborais, as agricultoras nos conduzem a pensar sobre a inclusão das tecnologias e o avanço delas no campo. Em parte, isso ajudou ao pequeno agricultor a desenvolver outras atividades, bem como diminuiu os esforços no sentido do trabalho braçal. No entanto, tal como cita a Agricultora “B”, o avanço também limitou algumas atividades que antes eram exercidas pelo ser humano e passaram a ser desenvolvidas com o uso de máquinas. Segundo Fernandes (1999) é uma realidade no campo brasileiro nas últimas décadas, especialmente com a expansão da força do sistema capitalista que, entre outros aspectos, ceifou inúmeras vidas de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Na perspectiva das duas agricultoras, suas práticas laborais foram afetadas, mas elas ainda exercem porque tais práticas têm um cunho artesanal, a exemplo do trabalho voltado à criação de galinhas e bodes, o qual é realizado apenas para a sua subsistência familiar.

A questão três se direcionou acerca do que elas aprenderam com as pessoas mais velhas sobre seus trabalhos.

O que aprendi com as pessoas mais velhas foi tudo que eu faço hoje, principalmente o meu trabalho na agricultura. Aprendi o que eu sei hoje com minha mãe, porque vivo também do meu trabalho na agricultura. E os principais ensinamentos, tudo que vivi com minha mãe, tudo que aprendi serviu como ensinamentos (Agricultora “A”, 2022).

Aprendi muito com meus pais, sempre me ensinaram eu seguir o caminho bom, seguir as tradições familiares, seguir o que eles seguiam. Até hoje, mesmo com essa idade avançada, sigo as tradições dos meus pais. Onde já passei para meus filhos, meus filhos já passando para meus netos, e isso é muito importante seguirmos uma tradição (Agricultora “B”, 2022).

As narradoras de nosso estudo demarcaram a importância dos ensinamentos geracionais passados por seus pais ao longo da vida, os quais balizaram suas ações tanto no trabalho como no convívio social e familiar. Acreditamos que esse aspecto tem sido cada vez menos vivido. Na sociedade sempre agitada em que o tempo e nossas relações se tornaram cada vez mais escassos, frágeis, menos duradouros (Bauman, 2001), preservar e reviver saberes se tornou algo menos visto. Estamos o tempo todo acelerados, a pressa convive com nossa rotina. Não há tempo para nada.

Há algumas décadas era comum termos nos terreiros, alpendres e armazéns em espaços no campo pessoas trocando e construindo experiências, afetos e amizade. A debulha do feijão era um momento de sociabilidade (Medeiros, 2013). Essa realidade foi substituída pelo celular, pelas redes sociais, pela tecnologia, sentido amplo. Somos aquilo que postamos. Não há tempo para conversas com pais e familiares.

Na questão quatro, nos direcionamos para os principais tipos de trabalho que existiram na comunidade e se eles ainda existem, bem como suas mudanças.

Os trabalhos que sempre existem na comunidade foram os trabalhos na agricultura onde até hoje permanecem. Até hoje! Trabalhos passados de pai para filho e que hoje se tornam o sustento das famílias. E assim, alguns pais de família precisam se deslocar para a cidade para trabalhar. [...] as mudanças que existiram dentro da comunidade foi a encanação de água para as casas dos moradores, pois antes precisava se deslocar para outras comunidades em busca de água e isso dificultava muito a vida de nós agricultores (Agricultora “A”, 2022).

Os trabalhos existentes na comunidade são os de sempre. A gente cria, planta, faz essas coisas, né. No decorrer dos tempos algumas coisas mudaram. A

chagada da energia e isso foi uma grande conquista para aqui (Agricultora “B”, 2022).

Por mais que a sociedade tenha se transformado e as relações sociais e laborais também, vimos que na Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, o trabalho na agricultura de subsistência, a qual é entendida aqui como um meio de explorar a terra apenas visando o que é necessário para a alimentação ou renda familiar, permaneceu. Os agricultores, em maior parte, desenvolvem suas práticas laborais nessa perspectiva. Eles criam, plantam e consomem (vendem o excedente) o que fazem. Algumas técnicas na plantação e criação podem ter sido incluídas (o que não podemos afirmar), mas avaliamos que algumas práticas de trabalho se fundamentam em saberes de tradição que se tornaram marcas da cultura local.

As agricultoras sabem o tempo de incubação dos ovos de suas galinhas, sabem também como plantar o feijão e o milho, sabem o tempo de colher o sorgo, sabem o período de postura de suas galinhas. Esses aspectos se configuram como saberes da tradição porque se ancoram na experiência acumulada em suas vidas (Almeida, 2010). Recorremos, novamente, a registros que fizemos no momento da pesquisa.

Figura 7: Criação de galinhas



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A questão final desta subseção, frisou as mudanças na comunidade e no trabalho local das agricultoras. Apesar de já termos destacado narrativas nesse caminho, complementamos.

Para nós que convivemos aqui dentro dessa comunidade, na minha opinião o que mudou no nosso trabalho foi a falta de interesse dos agricultores em lutar por mais melhorias para a nossa comunidade. Uma coisa que eu sei: a união faz a força (Agricultora “A”, 2022).

Acho, tudo mudou, né, minha filha, como já disse antes. As pessoas. Os tempos mudaram (Agricultora “B”, 2022).

As agricultoras consideram que o tempo acompanhou as mudanças sociais. Isso implicou na constituição e organização da comunidade. Entendemos que elas também enfatizaram a necessidade de no tempo presente existir maior articulação entre os moradores do espaço. Apesar de percebermos a comunidade bem organizada (entendemos isso com base nos diálogos informais com os moradores), vimos também que elas frsaram a necessidade de união entre eles para conseguir avançar nas conquistas e demandas coletivas locais.

Finalizamos o estudo declarando nosso desejo a partir das considerações construídas ao longo deste texto, qual seja: que o estudo possa somar aos conhecimentos produzidos a partir do tema da investigação no que toca aos saberes da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objeto de pesquisa os saberes da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN. A partir das experiências de vida de duas agricultoras que residem no local, desenvolvemos reflexões ao presente estudo monográfico. A pesquisa foi realizada no ano de 2022, mais especificamente no segundo semestre. Vale destacar que um dos motivos que justificam a construção deste empreendimento acadêmico diz respeito à aproximação da pesquisadora com o local. Ela viveu parte de sua vida no campo com familiares que residiram no espaço.

O estudo objetivou centralmente demarcamos pensar acerca de como os sabres da tradição de moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, contribuem para o seu desenvolvimento local. Em termos metodológicos, a pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, se tipificou como uma pesquisa de campo e utilizou da entrevista semiestruturada como técnica de produção de dados.

Considerando os registros das duas agricultoras, mestras do tempo, que participaram da pesquisa, bem como nos fundamentando em diálogos com outros moradores da Comunidade Rural de Paulo Canapum, Apodi – RN, e em visitas ao local da pesquisa, entendemos que os saberes da tradição contribuem no desenvolvimento local da comunidade porque eles são parte integrante da cultura promovida diariamente. Estão vivos nas práticas laborais de subsistência que parte dos moradores desenvolvem para produzir seu sustento alimentício familiar, bem como complementar sua renda mensal.

Outra questão que avaliamos a partir do estudo é que a cultura, como conjunto de crenças, práticas sociais, valores, signos linguísticos, entre outros aspectos, de um povo se modifica com o passar do tempo (Laraia, 2009). Dela, permanecem alguns elementos, dentre eles os saberes da tradição. Assim, eles são revisados, complementados e referenciados com o passar do tempo, a partir de cada contexto social e cultural. No entanto, não mudam, permanecem vivos. Eles são geracionais também.

As duas agricultoras que participaram da pesquisa, ao longo dos registros que realizamos nos deixaram esse entendimento: os saberes da tradição estão vivos na comunidade e contribuem ao seu desenvolvimento local porque se fazem no dia a dia. São uma espécie também de patrimônio cultural do lugar. Eles são repassados de uma geração para outra porque cotidianamente aparecem na cultura local, por exemplo na criação de galinhas, de bodes, ovelhas, entre outros, bem como na plantação de capim, de milho ou sorgo. Os mais novos

observam os mais velhos (que os ensinam). Assim, os apreendem e os desenvolvem em suas vidas.

Por fim, registramos a necessidade de outras pesquisas acerca do objeto de estudo. O que fizemos demarca saberes da tradição de uma comunidade em específico. Entendemos que há outros saberes que a academia e a sociedade necessitam conhecer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. da C. de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ARROYO, M. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M.; FERNANDES; B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo), V. 02. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [s.l.], n 19, jan. 2002.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2014.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

FERNANDES, B. M. O campo no Brasil. In: ARROYO, M.; FERNANDES; B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo), V. 02. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M.G. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 1990.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARTINS, J. M. **A Sociabilidade do homem simples – cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Do campo à universidade: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró – RN, 2013.

MEDEIROS, E. A.; FORTUNATO, I.; ARAÚJO, O. H. A. Educação do Campo como movimento educacional e modalidade educativa – notas a partir de Paulo Freire. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, RS, v. 27, e022047, 2022.

MEDEIROS, E. A.; MENEZES, M. A. G. Educação do campo: estudo sobre a base nacional comum curricular a partir de percepções de professores/as da área de ciências humanas. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 28, p. 17-32, jan./abr. 2020.

MEDEIROS, E. A.; VARELA, S. B. L.; NUNES, J. B. C. Abordagem qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 - 2014). **Holos**, p.174-189, abr. 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MORIN, E. **Saberes locais e Saberes globais** – o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OLIVEIRA, L. L. **Narrativas de luta e resistência dos povos do campo no Projeto de Assentamento Recanto da Esperança, Comunidade Alagoinha, Mossoró – RN**. Monografia (Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo), Mossoró, 2022.

PIANA, M. C. A Pesquisa de Campo. In: PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.